



Retrato de Lima Barreto.

LIMA BARRETO

Segregações, fronteiras e fraturas: racismo, subúrbio e loucura

DAVI FAZZOLARI

A obra de Lima Barreto se abre ao leitor brasileiro do início do século XXI como um ambiente de orientação virtual a ser seguido em uma viagem, não a ser realizada em um futuro próximo nem a um local desconhecido, mas ao berçário de certas culturas nacionais endurecidas no último século. Os desassossegos de Lima Barreto vertem-se em um compêndio de rancores muitas vezes tão didáticos que seus contos, romances e crônicas exercem o fascínio de um guia histórico.

Trata-se, Lima Barreto, de um observador sagaz de sua época. Um fotógrafo das mentalidades sociais de seu tempo, em sua cidade, o Rio de Janeiro. As malícias de suas descrições, pontuadas pelo humor ácido do qual está impregnada toda a sua obra, dão vazão a importantes debates que, abertos no século XIX, parecem não ter ainda incomodado uma quantidade significativa de injustiças cometidas não só na sociedade carioca, mas em muitas partes do Brasil.

Quando as desigualdades se acentuam, quer sejam em relação às segregações étnicas, ao sistema de saúde, de transporte, de moradia — principalmente em seus escandalosos abismos culturais entre os centros e as periferias —, quer sejam, ainda, quanto à distribuição de vagas nas universidades públicas ou ao livre trânsito de certos grupos sociais em shopping centers das capitais, a obra de Lima Barreto, em sala de aula, poderá oferecer ao jovem estudante brasileiro pistas históricas lúcidas e contun-

■ LIMA BARRETO (1881-1922)

Nasceu no Rio de Janeiro, filho do tipógrafo João Henriques e da professora Amália Augusta, ambos mulatos.

A mãe, escrava liberta, morreu precocemente, quando o filho tinha seis anos. A abolição da escravatura ocorreu em 1888, no dia de seu aniversário de sete anos.

Em 1900, o escritor deu início aos registros do *Diário íntimo*, com impressões sobre a cidade e a vida urbana do Rio de Janeiro. Lima Barreto começa sua colaboração mais regular na imprensa em 1905, quando escreve reportagens, publicadas no *Correio da Manhã*, sobre a demolição do Morro do Castelo, no centro do Rio. O escritor passa a trabalhar e publicar crônicas, contos e peças satíricas em veículos como o *Diabo*, *Revista da Época*, *Fon-Fon*, *Careta*, *Brás Cubas*, *O Malho* e *Correio da Noite*. Colaborou também com o *ABC*, periódico de orientação marxista e revolucionária. Em 1911, escreve e publica *Triste fim de Policarpo Quaresma* em folhetim no *Jornal do Comércio*. Publicou ainda *Numa e ninfa* (1915), *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* (1919), *Histórias e sonhos* (1920). Postumamente saem *Os bruzundangas* e as crônicas de *Bagatelas* e *Feiras e mafuás*.

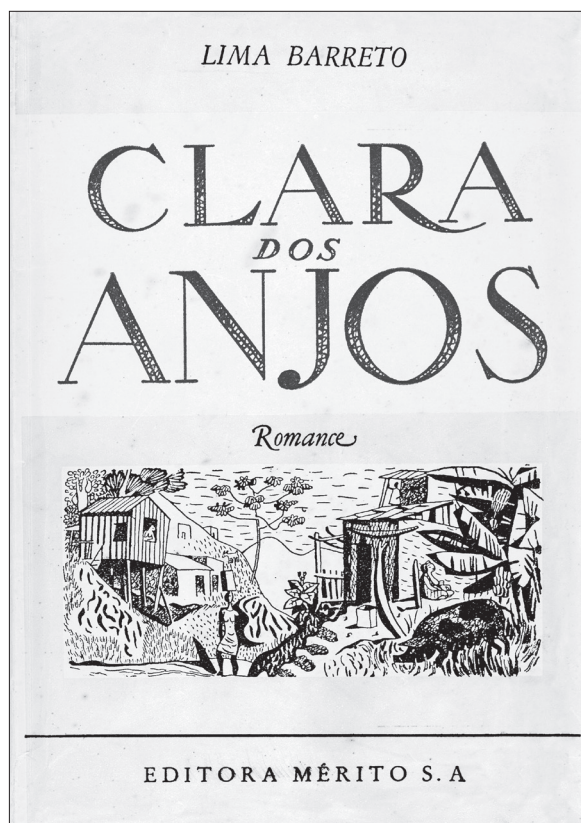
Morreu no Rio de Janeiro, aos 41 anos.

dentes para a compreensão do estado das coisas públicas e privadas em nossos dias.

SUBÚRBIO/PERIFERIA: “REFÚGIO DOS INFELIZES” E “DENTADURAS DECADENTES”

Extensão de ruínas

Em prefácio publicado em 1956, pela editora Brasiliense, para o romance *Clara dos Anjos*, o historiador Sérgio Buarque de Holanda afirmou que:



Capa da primeira edição de *Clara dos Anjos*.

A sedução exasperada que exerce sobre Lima Barreto essa paisagem humana de vida declinante é comparável e sem dúvida idêntica, no fundo, ao enlevo com que ele se detém no descrever os velhos casarões imperiais, já carcomidos pelo tempo e pelo abandono, onde a sombra que ficou da grandeza perdida aviva pelo próprio contraste a extensão das ruínas.

Assim, o subúrbio poderia ser lido na obra de Lima Barreto como a personificação das segregações sociais. Na cidade, os eleitos transitando seus perfis impermeáveis, na periferia, os preteridos.

Pelo antagonista daquele romance, Lima Barreto vai dar voz ao habitante do subúrbio quando em confronto com a cidade. Cassi Jones, o algoz de Clara dos Anjos, é homem desonesto que vive a explorar a boa-fé dos conhecidos e, “modinhoso”, a ingenuidade das moças. Tira proveito de um modestíssimo talento como músico popular e arrebatava a atenção dos que ignoram os caminhos das malícias humanas. Sempre a esgueirar-se em vícios e escon-

der-se das consequências de seus atos, em dado momento do enredo, precisa ir ao centro da cidade para depositar certa quantia na Caixa Econômica (capítulo IX). Está mais uma vez em rota de fuga, e o discurso indireto livre revela sua condição:

Cassi Jones, sem mais percalços, se viu lançado em pleno Campo de Sant’Ana, no meio da multidão que jorrava das portas da Central, cheia da honesta pressa de quem vai trabalhar. A sua sensação era que estava numa cidade estranha. No subúrbio tinha os seus ódios e os seus amores; no subúrbio tinha os seus companheiros, e a sua fama de violeiro percorria todo ele, e, em qualquer parte, era

apontado; no subúrbio, enfim, ele tinha personalidade, era bem Cassi Jones de Azevedo; mas, ali, sobretudo do Campo de Sant'Ana para baixo, o que era ele? Não era nada. Onde acabavam os trilhos da Central, acabava a sua fama e o seu valimento; a sua fanfarronice evaporava-se, e representava-se a si mesmo como esmagado por aqueles “caras” todos, que nem o olhavam. [...]

Na “cidade”, como se diz, ele percebia toda a sua inferioridade de inteligência, de educação; a sua rusticidade, diante daqueles rapazes a conversar sobre coisas de que ele não entendia e a trocar pilhérias; em face da sofreguidão com que liam os placards dos jornais, tratando de assuntos cuja importância ele não avaliava, Cassi vexava-se de não suportar a leitura; comparando o desembaraço com que os fregueses pediam bebidas variadas e esquisitas, lembrava-se que nem mesmo o nome delas sabia pronunciar; olhando aquelas senhoras e moças que lhe pareciam rainhas e princesas, tal e qual o bárbaro que viu, no Senado de Roma, só reis, sentia-se humilde; enfim, todo aquele conjunto de coisas finas, de atitudes apuradas, de hábitos de polidez e urbanidade, de franqueza no gastar, reduziam-lhe a personalidade de medíocre suburbano, de vagabundo doméstico, a quase coisa alguma.

Pelo contraponto, Lima Barreto reforça seus registros do subúrbio e procura conduzir o leitor para um olhar ressentido e ofendido que o subúrbio dirige ao centro. No caso de Cassi Jones, o ressentimento se dá por um misto de angústia e de cobiça daquilo que a ele parece inalcançável. Mas, no romance, o subúrbio é o espaço protagonista, palco e acolhida para personagens que o habitam, que o incorporam:

O subúrbio propriamente dito é uma longa faixa de terra que se alonga, desde o Rocha ou São Francisco Xavier, até Sapopemba, tendo para eixo a linha férrea da Central.

[...]

Há casas, casinhas, casebres, barracões, choças, por toda a parte onde se possa fincar quatro estacas de pau e uni-las por paredes duvidosas. Todo o material para estas construções serve: são latas de fósforos distendidas, telhas velhas, folhas de zinco, e, para as nervuras das paredes de taipa, o bambu, que não é barato.

Há verdadeiros aldeamentos dessas barracas, nas coroas dos morros, que as árvores e os bambuais escondem aos olhos dos transeuntes. Nelas, há sempre uma bica para todos os habitantes e nenhuma espécie de esgoto. Toda essa população pobríssima, vive sob a ameaça constante da varíola e, quando ela dá para aquelas bandas, é um verdadeiro flagelo.

E ainda que o subúrbio se personifique e se faça protagonista, são as personagens, em simbiose permanente nas descrições dos coletivos humanos confessadas pelo narrador, que se mostram espaço que fervilha, sem germinar o que não seja renúncia das conquistas ou aceitação das derrotas:

Mais ou menos é assim o subúrbio, na sua pobreza e no abandono em que os

poderes públicos o deixam. Pelas primeiras horas da manhã, de todas aquelas bibocas, alforjas, trilhos, morros, travessas, grotas, ruas, sai gente, que se encaminha para a estação mais próxima; alguns, morando mais longe, em Inhaúma, em Cachambi, em Jacarepaguá, perdem amor a alguns níqueis e tomam bondes que chegam cheios às estações. Esse movimento dura até às dez horas da manhã e há toda uma população da cidade, de certo ponto, no número dos que nele tomam parte. São operários, pequenos empregados, militares de todas as patentes, inferiores de milícias prestantes, funcionários públicos e gente que, apesar de honesta, vive de pequenas transações, de dia a dia, em que ganham penosamente alguns mil-réis. O subúrbio é o refúgio dos infelizes. Os que perderam o emprego, as fortunas; os que faliram nos negócios, enfim, todos os que perderam a sua situação normal vão se aninhar lá; e todos os dias, bem cedo, lá descem à procura de amigos fiéis que os amparem, que lhes deem alguma coisa, para o sustento seu e dos filhos.

E será nessa negação do que possam ser os primeiros rompantes urbanos de nossa modernidade que Lima Barreto delimitará seu campo de resistência e denúncia. No refúgio dos sonhos falidos, a reunião das forças derrotadas pelos ditames dos reconhecidos beneficiários do establishment, tornarão a se espelhar no próprio establishment para recriar estratégias de admissão social urdidas em um suposto confronto entre o subúrbio e o centro. Como no excerto do primeiro capítulo de *Triste fim de Policarpo Quaresma*:

Dessa maneira, Ricardo Coração dos Outros gozava da estima geral da alta sociedade suburbana. É uma alta sociedade muito especial e que só é alta nos subúrbios. Compõe-se em geral de funcionários públicos, de pequenos negociantes, de médicos com alguma clínica, de tenentes de diferentes milícias, nata essa que impa pelas ruas esburacadas daquelas distantes regiões, assim como nas festas e nos bailes, com mais força que a burguesia de Petrópolis e Botafogo. Isto é só lá, nos bailes, nas festas e nas ruas onde se algum dos seus representantes vê um tipo mais ou menos, olha-o da cabeça aos pés, demoradamente, assim como quem diz: aparece lá em casa que te dou um prato de comida. Porque o orgulho da aristocracia suburbana está em ter todo dia jantar e almoço, muito feijão, muita carne-seca, muito ensopado — aí, julga ela, é que está a pedra de toque da nobreza, da alta linha, da distinção.

Fora dos subúrbios, na rua do Ouvidor, nos teatros, nas grandes festas centrais, essa gente míngua, apaga-se, desaparece, chegando até as suas mulheres e filhas a perder a beleza com que deslumbram, quase diariamente, os lindos cavaleiros dos intermináveis bailes diários daquelas redondezas.

RACISMOS E A SEGREGAÇÃO DOUTORA

Estabelecidas as segregações em um tabuleiro urbano, vários temas vão se consolidando pelo movimento das pedras do conhecido jogo em que se batem brancas e pretas.

A denúncia do racismo, em seu exercício violento e diário, está historicamente ligada às consequências escravistas, talvez as ruínas mais implacáveis de nossa formação social, nossa acrópole particular que segue, até hoje, ativa, determinando os espaços urbanos autorizados a partir da estirpe étnica. Lima Barreto, em sua obra militante, ao expor e explorar as segregações étnico-sociais, alça como alvo temático a figura do doutor, do diplomado, algoz e espelho para quem, filho de escravos, buscará romper o cerceamento e conquistar almejada inserção social.

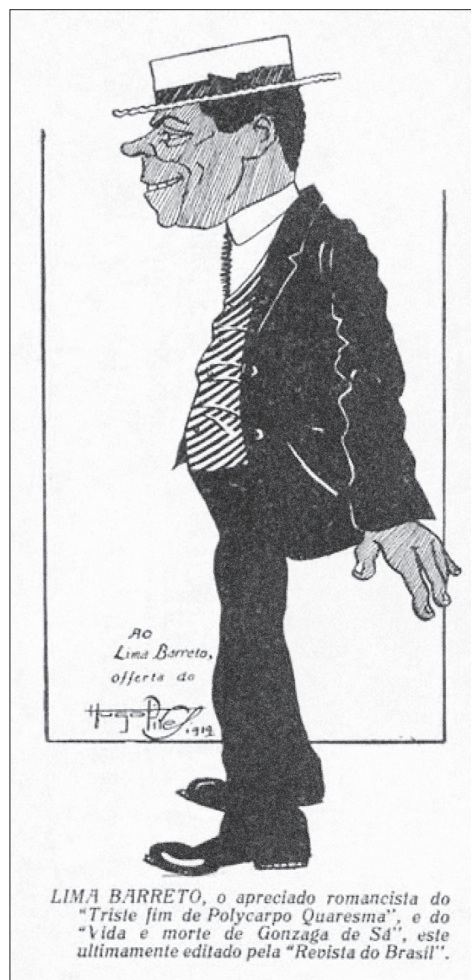
Nas *Recordações do escrivo Isaiás Caminha*, romance inaugural, de 1909, logo nas páginas iniciais se lê a idealização do espaço social destinado aos doutores:

Ah! Seria doutor! Resgataria o pecado original do meu nascimento humilde, amaciaria o suplício premente, cruciante e onímodo de minha cor... Nas dobras do pergaminho da carta, traria presa a consideração de toda a gente. Seguro do respeito à minha majestade de homem, andaria com ela mais firme pela vida em fora. Não titubearia, não hesitaria, livremente poderia falar, dizer bem alto os pensamentos que se estorciam no meu cérebro.

O flanco, que a minha pessoa, na batalha da vida, oferecia logo aos ataques dos bons e dos maus, ficaria mascarado, disfarçado...

Ah! Doutor! Doutor!... Era mágico o título, tinha poderes e alcances múltiplos, vários, polifórmicos... Era um *pallium*, era alguma coisa como clâmide sagrada, tecida com um fio tênue e quase imponderável, mas a cujo encontro os elementos, os maus olhares, os exorcismos se quebravam. De posse dela, as gotas de chuva afastar-se-iam transidas do meu corpo, não se animariam a tocar-me nas roupas, no calçado sequer. O invisível distribuidor dos raios solares escolheria os mais meigos para me aquecer, e gastaria os fortes, os inexoráveis, com o comum dos homens que não é doutor. Oh! Ser formado, de anel no dedo, sobrecasaca e cartola, inflado e grosso, como um sapo-entanha antes de ferir a martelada à beira do brejo; andar assim pelas ruas, pelas praças, pelas estradas, pelas salas, recebendo cumprimentos: Doutor, como passou? Como está, doutor? Era sobre-humano!...

Ao mesmo tempo que se mostra mais um ingrediente social de dominação, trata-se, esse “doutorismo”, de um veio que ligará a obra de Lima Barreto à de Manuel Antônio de Almeida e à de Gregório de Matos, quando o perfil de quem se vale de um discurso doutoral para se sobrepor ao outro é dissecado para análises e interpretações do leitor, que terá a oportunidade de ler o que se passa por trás da máscara. No divertido conto “O homem que



Caricatura de Lima Barreto. Jornal *A Cigarra*, ano VI, número 110.

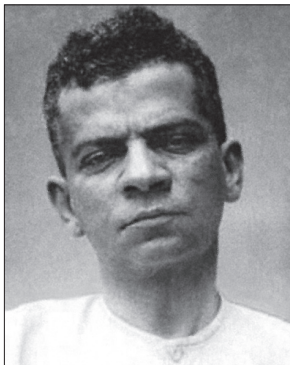
sabia javanês”, um narrador em primeira pessoa expõe, sem qualquer cerimônia, as estratégias mirabolantes, e evidentemente mentirosas, que utilizou para galgar cargos públicos de destaque simplesmente por anunciar conhecimento exótico de língua estrangeira. A arrogância aliada à mais pura ignorância oferecem terreno fértil para falsos doutores de plantão, parasita farta na cultura nacional.

Sabes bem que até hoje nada sei de javanês, mas compus umas histórias bem tolas e impingi-as ao velhote como sendo do crônicon. Como ele ouvia aquelas bobagens...

[...]

A alta autoridade levantou-se, pôs as mãos às cadeiras, concertou o *pince-nez* no nariz e perguntou: “Então, sabe javanês?” Respondi-lhe que sim; e, à sua pergunta onde o tinha aprendido, contei-lhe a história do tal pai javanês. “Bem”, disse-me o ministro, “o senhor não deve ir para a diplomacia; o seu físico não se presta... O bom seria um consulado na Ásia ou Oceania. Por ora, não há vaga, mas vou fazer uma reforma e o senhor entrará. De hoje em diante, porém, fica adido ao meu ministério e quero que, para o ano, parta para Bâle, onde vai representar o Brasil no Congresso de Linguística. Estude, leia o Hovelacque, o Max Müller e outros!”

Imagina tu que eu até aí nada sabia de javanês, mas estava empregado e iria representar o Brasil em um congresso de sábios.



Retrato de Lima Barreto quando internado.

LOUCURA

Cemitérios vivos e os cômodos incômodos

Estar afastado, não admitido em uma parte e confiscado em outra está entre as maiores angústias de Lima Barreto — “Não me incomodo muito com o Hospício, mas o que me aborrece é essa intromissão da polícia na minha vida” (*Diário do hospício*). O que parece ser, em alguns momentos, puro sentimento de desrespeito pessoal, poderá ser lido em sua obra como genuína busca temática extraída de certa capacidade dos homens de ofender a própria espécie, ao testá-la em limites extremos. Em suas longas e detalhadas descrições dos subúrbios cariocas é possível ler esse espírito investigativo na voz de vários de seus narradores, como em *Triste fim de Policarpo Quaresma* (capítulo II, segunda parte):

Além disto, os subúrbios têm mais aspectos interessantes, sem falar no namoro epidêmico e no espiritismo endêmico; as casas de cômodos (quem as suporia lá!) constituem um deles bem inédito. Casas que mal dariam para uma pequena família são divididas, subdivididas, e os minúsculos aposentos assim obtidos, alugados à população miserável da cidade. Aí, nesses caixotins humanos, é que se encontra a fauna menos observada da nossa vida, sobre a qual a miséria paira com um rigor londrino.

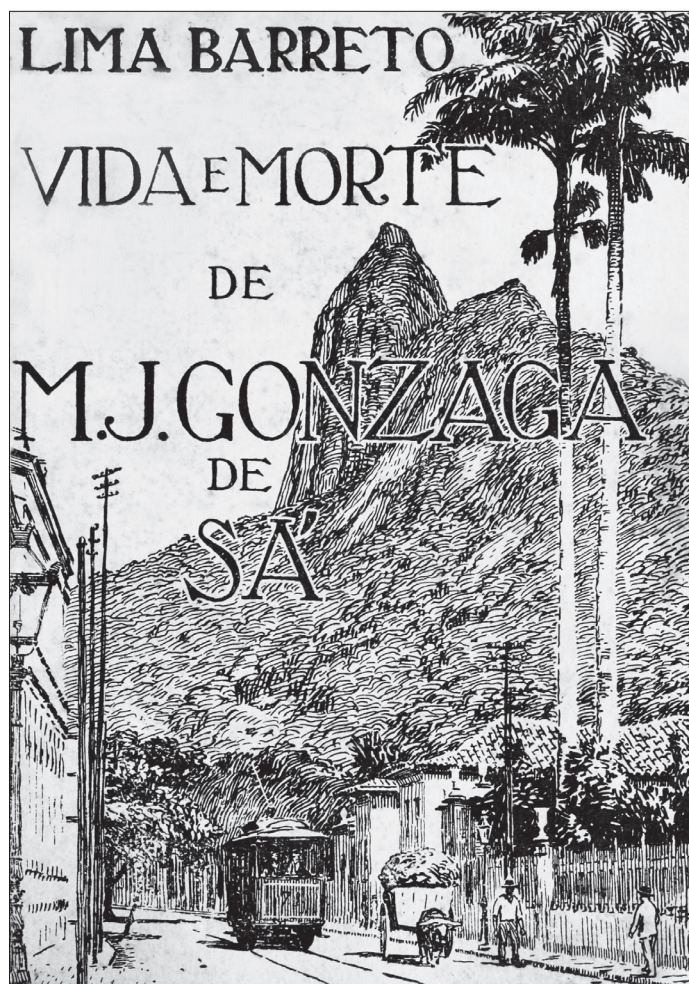
Não se podem imaginar profissões mais tristes e mais inopinadas da gente que habita tais caixinhas. Além dos serventes de repartições, contínuos de escritórios, podemos deparar com velhas fabricantes de rendas de bilros, compradores de garrafas vazias, castradores de gatos, cães e galos, mandingueiros, catadores de ervas medicinais, enfim, uma variedade de profissões miseráveis que as nossas pequena e grande burguesias não podem adivinhar. Às vezes num cubículo desses se amontoa uma família, e há ocasiões em que os seus chefes vão a pé para a cidade por falta do níquel do trem.

Parece ser esse mesmo olhar da investigação científica que Lima Barreto expõe em suas observações e notas autobiográficas publicadas sob os títulos *Diário íntimo* e *Diário do hospício*. Nos dois volumes o registro desses variados confinamentos se amplia como tema e ganha um contorno sociológico mais consistente, como no excerto extraído do *Diário do hospício*:

Chamou-me o bragantino e levou-me pelos corredores e pátios até o Hospício propriamente. Aí é que percebi que ficava e onde, na seção, na de indigentes, aquela em que a imagem do que a Desgraça pode sobre a vida dos homens é mais formidável.

O mobiliário, o vestuário das camas, as camas, tudo é de uma pobreza sem par. Sem fazer monopólio, os loucos são da proveniência mais diversa, originando-se em geral das camadas mais pobres da nossa gente pobre. São de imigrantes italianos, portugueses e outros mais exóticos, são os negros, roceiros, que teimam em dormir pelos desvãos das janelas sobre uma esteira esmolambada e uma manta sórdida; são copeiros, cocheiros, moços de cavalaria, trabalhadores braçais. No meio disto, muitos com educação, mas que a falta de recursos e proteção atira naquela geena social.

O alcoolismo que determinava seu diagnóstico e internações também servia a um autoquestionamento contínuo acerca de suas condições social e psicológica. E sobre o próprio vício, em *Diário do hospício*, Lima Barreto levan-



Capa da primeira edição de *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*.

tava hipóteses investigativas que denunciavam sua lucidez mental e, ao mesmo tempo, seu cansaço físico.

Não me achou muito arruinado e, muito polidamente, deu-me conselhos para reagir contra o meu vício. Oh! Meu Deus! Como eu tenho feito o possível para extirpá-lo e, parecendo-me que todas as dificuldades de dinheiro que sofro são devidas a ele, e por sofrê-las, é que vou à bebida. Parece uma contradição; é, porém, o que se passa em mim. Eu queria um grande choque moral, pois físico já os tenho sofrido, semimorais, como toda espécie de humilhações também. Se foi o choque moral da loucura progressiva de meu pai, do sentimento de não poder ter a liberdade de realizar o ideal que tinha na vida, que me levou a ela, só um outro bem forte, mas agradável, que abrisse outras perspectivas na vida, talvez me tirasse dessa imunda bebida que, além de me fazer porco, me faz burro.

Adivinhava a morte de meu pai e eu sem dinheiro para enterrá-lo; previa moléstias com tratamento caro e eu sem recursos; amedrontava-me com uma demissão e eu sem fortes conhecimentos que me arranjassem colocação condigna com a minha instrução; e eu me aborrecia e procurava distrair-me, ficar na cidade, avançar pela noite adentro; e assim conheci o chopp, o *whisky*, as noitadas, amanhecendo na casa deste ou daquele.



Retrato de Lima Barreto.

Uma leitura mais distanciada da obra de Lima Barreto, logo demonstrará ao jovem leitor que, de fato, o incômodo não está no hospício em si, mas na segregação oficializada, admitida na organização social: a polícia, o hospício, o subúrbio, em suas produções e acúmulos de misérias, possuem o poder da interdição, do confinamento, do cômodo obrigatório a determinados setores da sociedade. Do mesmo modo, a loucura não será um prejuízo em si, mas um dos diagnósticos que encobre fraturas, autoriza exclusões e consolida contundentes fronteiras invisíveis:

Quaresma viveu lá, no manicômio, resignadamente, conversando com os seus companheiros, onde via ricos que se diziam pobres, pobres que se queriam ricos, sábios a maldizer da sabedoria, ignorantes a se proclamarem sábios [...]

Saiu o major mais triste ainda do que viera toda a vida. De todas as coisas tristes de ver, no mundo, a mais triste é a loucura; é a mais depressora e pungente.

Aquela continuação da nossa vida tal e qual, com um desarranjo imperceptível, mas profundo e quase sempre insondável, que a inutiliza inteiramente, faz pensar em alguma coisa mais forte que nós, que nos guia, que nos impele e em cujas mãos somos simples joguetes. Em vários tempos e lugares, a loucura foi considerada sagrada, e deve haver razão nisso no sentimento que se apodera de nós quando, ao vermos um louco desarrazoar, pensamos logo que já não é ele quem fala, é alguém, alguém que vê por ele, interpreta as coisas por ele, está atrás dele, invisível!...

A obra de Lima Barreto se esparrama pelos temas da atualidade, no Brasil. Em alguns casos se aprofunda mais e em outros mantém-se em uma superfície densa, sustentada pelo refinamento de suas ironias. Espalha-se como a linha férrea que conduz os habitantes dos subúrbios cariocas ao centro da cidade, desde a virada dos séculos XIX e XX até nossos dias. De estação em estação, explora as afetações de classe, o provincianismo, os contrastes emanados pelas profissões douradas, pelos mandatos dos políticos, pelos cargos administrativos, todos em seus fumos europeus, consolidando posições sociais que não a dos herdeiros das misérias nacionais, moradores dos refúgios dos vencidos, nos subúrbios.

O rancor destilado no caminho entre o Engenho Novo, bairro do subúrbio carioca onde viveu, e a rua do Ouvidor, ambiente frequentado pela elite de sua época, assume um comportamento de personagem protagonista em seus romances e em muitos de seus contos. E aí talvez esteja seu principal veio criativo. E se assim o for, estará mais próximo ainda das ruas de nossos tempos, em seus lançamentos imobiliários de luxo contrapostos à precariedade das moradias da massa de trabalhadores, nos grandes centros urbanos do país. Para o jovem leitor se agitarão vivas as páginas de uma obra literária que seguirá lendo suas exclusões sociais, promovidas pelo álcool, pelo crack,



Capa da primeira edição de *A Numa e a Nympha*.

pelos racismos velados, pelas escancaradas desigualdades de classe, nas portas dos shopping centers, nas vitrines, alimentando o desejo pela grife como uma passagem para o paraíso e o consumo como autoconfinamento de suposto cidadão.

Manter a obra de Lima Barreto fechada em estantes quando vivemos acirradas polêmicas ao redor do sistema de cotas no funcionalismo público e nas universidades, parece ser um desperdício do esforço material de quem presenciou e, muito severamente, registrou momentos cruciais do nascimento de tais questões no país. Suas sérias investigações e contundentes formas de abarcar o incômodo podem, de fato, reforçar os argumentos críticos dos jovens estudantes e leitores pré-universitários, oferecendo-lhes o aprofundamento histórico, às vezes, tão em falta na superfície das discussões que se promovem em nossas mídias.

LEITURAS SUGERIDAS

- A VIDA DE LIMA BARRETO, Francisco de Assis Barbosa. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras; José Olympio, 2002.
- RECORDAÇÕES DO ESCRIVÃO ISAÍAS CAMINHA, Lima Barreto. São Paulo: Penguin/Companhia das Letras, 2010.
- TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA, Lima Barreto. São Paulo, Penguin/Companhia das Letras, 2011.
- “FIGURAÇÕES DO EU NAS RECORDAÇÕES DE ISAÍAS CAMINHA”, Alfredo Bosi. Em: *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- CLARA DOS ANJOS, Lima Barreto. São Paulo: Penguin/Companhia das Letras, 2012.
- CLARA DOS ANJOS, Lima Barreto. Adaptação Lelis e Wander Antunes. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- “LIMA BARRETO E A ‘REPÚBLICA DOS BRUZUNDANGAS’”, Nicolau Sevcenko. Em: *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- “LIMA BARRETO: TERMÔMETRO NERVOSO DE UMA FRÁGIL REPÚBLICA”, Lília Moritz Schwarcz. Em: *Contos completos de Lima Barreto*, organização e introdução de Lília Moritz Schwarcz. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- LIMA BARRETO: UM PENSADOR SOCIAL NA PRIMEIRA REPÚBLICA, Maria Cristina Teixeira. Goiânia: Ed. da UFG; São Paulo: Edusp, 2002.
- “LÓGICO PERCURSO DO DELÍRIO: OSMAN LINS E LIMA BARRETO”, Antonio Arnoni Prado. Em: *Trincheira, palco e letras: crítica, literatura e utopia no Brasil*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.
- “O CEMITÉRIO DOS VIVOS: TESTEMUNHO E FICÇÃO”, Alfredo Bosi. Em: *Diário do hospício; O cemitério dos vivos*, Lima Barreto. Organização e notas de Augusto Massi e Muriilo Marcondes de Moura. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- “UMA FERROADA NO PEITO DO PÉ (DUPLA LEITURA DE TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA)”, Silvano Santiago. *Revista Iberoamericana*, v. L, n. 126, 1984. Disponível em: <<http://revista-iberoamericana.pitt.edu/ojs/index.php/Iberoamericana/article/viewFile/3859/4028>>.

ATIVIDADES SUGERIDAS

■ Memória e ficção

Uma das afirmações críticas mais comuns em relação à obra de Lima Barreto é a aproximação da realidade pessoal de sua ficção. Para Antonio Candido, “ficou perto demais do testemunho, do comentário, do desabafo, da conversa sardônica ou sentimental”. De fato, em muitas de suas obras, é possível verificar mais explicitamente do que em outros autores de sua geração traços autobiográficos. Contudo, na trajetória de Lima Barreto, além da obra anunciada como apenas literária, há a publicação de dois diários que dão conta de uma obra autobiográfica proposta e oferecida como tal: *Diário íntimo* e *Diário do hospício*. Foram publicados originalmente em 1953,

pela editora Mérito. Em 1956 o primeiro foi reeditado pela editora Brasiliense, enquanto o segundo recebeu uma edição recente, em 2010, pela Cosac Naify.

Apresente trechos do *Diário íntimo* aos alunos (disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000066.pdf>>) como uma referência de autobiografia. Procure destacar as tintas literárias de alguns trechos, assim como a diversidade de gêneros utilizados. Apesar das muitas variações do discurso, Lima Barreto consegue compor um conjunto memorialista, se não coeso ou harmônico, bastante sincero do ponto de vista sentimental e bem eficiente como documento histórico.

Proponha aos alunos que produzam um texto autobiográfico a partir de um livro de notas (ou de um diário) composto de gêneros variados. Ofereça um prazo generoso, ao menos um semestre letivo, para que eles possam apresentar ao grupo leituras parciais da obra em construção. Deixe claro nas instruções que o trabalho terminará quando o prazo se esgotar. Não é necessário que eles se preocupem com um desfecho. Avalie as condições para, no fim do projeto, publicar páginas escolhidas pelos autores em um único volume, compondo, assim, uma autobiografia a partir do registro coletivo das percepções contemporâneas.

■ *O racismo e a legislação do atual sistema de cotas*

O sistema de cotas raciais surgiu nos Estados Unidos na década de 1960, em uma tentativa de estabelecer algumas correções históricas. Do mesmo modo, no Brasil, país que até hoje sofre graves consequências do sistema escravocrata que por aqui vigorou até o final do século XIX, um conjunto de leis aprovadas a partir de 2000 foi, aos poucos, modificando o olhar nacional para as mais variadas práticas racistas impregnadas em nossa sociedade, desde a chegada dos europeus, no século XVI.

À luz do pensamento de Lima Barreto, que pode ser extraído dos trechos destacados anteriormente, promova um debate entre os alunos sobre o atual sistema de cotas vigente em nosso país para a reserva de vagas nas universidades públicas. Para que os argumentos utilizados sejam consistentes e o resultado proveitoso, encaminhe as seguintes atividades:

1. Pesquisa, estudo e apresentação das seguintes leis e decretos:

- Lei estadual 3524/2000;
- Lei estadual 3708/2001;
- Lei federal 10558/2002;
- Decreto 4876/2003;
- Decreto 5193/2004;
- Lei federal 12288/2010.

2. Formação de grupos que estejam “a favor”, “contra”, ou apenas “parcialmente favoráveis” ao atual sistema de cotas. Cada grupo deverá assumir uma personagem de Lima Barreto e evocar sua trajetória durante as defesas

dos pontos de vista adotados em relação ao tema — Policarpo Quaresma, Clara dos Anjos, Isaías Caminha, sr. Castelo (de “O homem que sabia javanês”) —, aquela que o grupo julgar mais conveniente para a formação e defesa do ponto de vista.

3. Redação de uma lei que contemple as expectativas dos debatedores quando suas ideias forem expostas e consideradas coerentes pela maioria dos participantes, após réplicas, tréplicas, ponderações etc.

- *Leitura de “O alienista”, de Machado de Assis, e reflexões comparativas com o pensamento de Lima Barreto exposto no Diário do hospício*
Contemporâneos, não raras vezes as obras de Machado de Assis e de Lima Barreto foram confrontadas pela crítica literária e pelos historiadores. Um dos assuntos mais exercitados pelos dois é o da loucura, em suas variadas temáticas. Simão Bacamarte e Quincas Borba destacam-se na obra de Machado de Assis como personagens que exercitaram dois lados da mesma situação, o de quem enxerga a loucura no outro e o de quem se autoproclama louco. A mais famosa enlouquecida personagem de Lima Barreto é Policarpo Quaresma. Nacionalista, defensor de ideais que o levarão ao isolamento social e, conseqüentemente, de modo orgânico e natural, ao hospício. Apresente aos seus alunos essas personagens da forma que considerar mais conveniente e, em seguida, proponha os seguintes passos:

1. Após a leitura do conto de Machado de Assis, apresente aos alunos as páginas iniciais do *Diário do hospício*, de Lima Barreto (disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204210/4101373/diario_hospicio_cemiterio_vivos.pdf>), e estabeleça uma roda de discussão acerca do tema. Ainda que tome bastante tempo, para a atividade ganhar consistência, o melhor é realizar a leitura completa de “O alienista” no ambiente coletivo.

2. Solicite aos alunos a produção de uma ficção em que Lima Barreto está internado no manicômio idealizado pelo alienista de Machado de Assis. Caso queiram, os jovens autores poderão entender essa produção como um novo último capítulo, quando então Simão Bacamarte e Lima Barreto se encontram em entrevista, naqueles dezessete meses de autoconfinamento do médico em sua “casa verde” de Itaguaí. Texto pronto, provoque os alunos a apresentá-lo, em pequenos grupos, no formato que considerarem mais interessante: uma breve peça de teatro, leitura dramática de um conto, um curta-metragem, uma canção, um rap, uma sequência em quadrinhos.